

Atos, motivos, reações: Minutos Psíquicos e a estrutura de uma narrativa científica sobre psicologia

Acts, Motives, Reactions: *Psychic Minutes* and the Structure of a Scientific Narrative on Psychology

João Damasceno Martins Ladeira¹

Resumo: O artigo recorre à semiologia greimasiana para analisar um tipo de narrativa estabelecida mediante informações oferecidas pela ciência, discutindo o *Minutos Psíquicos*, canal distribuído pelo YouTube que adota como tema a psicologia. O produto, consequência da diversificação do audiovisual proporcionada pelas plataformas de *streaming*, organiza-se mediante uma estrutura recorrente nesses enredos que versam sobre o repertório de uma ciência. Seus episódios selecionam um conceito, elaborando enredos nos quais as situações em que os personagens se envolvem expõem a operação de uma ideia. Para compreender tal estrutura, recorre-se ao conceito da estrutura actancial, na expectativa de indicar como a significação estabelecida se organiza mediante eixos semânticos capazes de instituir o sentido em um microuniverso que é recorrente a despeito da diversidade de histórias.

Palavras-chave: Semiologia; Análise da narrativa; Audiovisual on-line; Narrativas sobre ciência; Estrutura actancial.

Abstract: The article uses Greimasian semiology to analyze a type of narrative established through information offered by science, discussing *Minutos Psíquicos*, a channel distributed by YouTube that adopts psychology as its theme. The product, a consequence of the audiovisual diversification provided by streaming platforms, is organized through a recurring structure in these plots that deal with the repertoire of a science. Its episodes select a concept, elaborating plots in which the situations in which the characters involved expose the operation of an idea. To understand this structure, we resort to the concept of actantial structure, hoping to indicate how the established meaning is organized through semantic axes capable of establishing meaning in a microuniverse that is recurrent despite the diversity of stories.

Keywords: Semiology. Narrative analysis. On-line audiovisual. Narratives about science. Actantial structure.

Introdução

Produtos que tematizam a ciência participaram do repertório das mídias de variadas formas. Como descrito por Gregory e Miller (2000), uma longa lista de divulgadores científicos fizeram uso dos meios, realizando o “educar” que fez parte da tríade de obrigações do *broadcast*, associado a “informar” e “entreter” (Briggs; Burke, 2009). Com a expansão da produção de audiovisual proporcionada pelo advento das plataformas de *streaming* (Cunningham; Craig, 2019; Cunningham; Craig; Silver, 2016), surgiram novas oportunidades para se apropriar do tema da ciência. Esse artigo se debruça sobre um desses conteúdos.

¹ Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Brasil. Professor na Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Departamento de Comunicação. E-mail: joaomartinsladeira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7381-6380>.

Recorrendo à semiologia de Greimas (1966, 1983), o interesse está nas narrativas elaboradas sobre a ciência, e não na pretensão de avaliar a adequação ou a precisão desse material aos preceitos da disciplina da qual tratam. Esse artigo toma como objeto o *Minutos Psíquicos*, canal distribuído através do YouTube e integrante da rede de criadores conhecida como *ScienceVlogs Brasil*. Os produtos que fazem parte desse grupo tendem a lidar com disciplinas exatas, como física, química, biologia, entre outras (Velho, 2019). Como uma das exceções, o *Minutos Psíquicos* aborda a psicologia, especificidade que justifica sua escolha.

Nesse tipo de material, é usual que cada episódio seja organizado a fim de elucidar certo conceito, o que serve como ponto de partida para uma narrativa que, mediante tal ilustração, expõe uma fração do acervo dessa disciplina. Nesses produtos, o elo entre certa ideia e o enredo criado para ilustrá-la faz com que, por exemplo, conteúdos sobre física interessados em expor as leis de Newton recorram ao enredo sobre um choque de dois ciclistas. Algo semelhante ocorre ao se abordar a psicologia. Tais narrativas esclarecem como os personagens lidam com emoções, que essas histórias nunca tomam como autoevidentes. É preciso expor o mecanismo que leva alguém a sofrer com o pânico ou a ansiedade; a encontrar dificuldades para cumprir tarefas no prazo; a adotar o *stalking* como comportamento.

A fim de abordar tais sensações, cada episódio contém um arco, indo daquilo que se sente em direção ao que se conseguirá explicar. Nisso, esta análise identifica duas estratégias. Na primeira, expõe-se uma situação com o intuito de desvendar o mecanismo que organiza tal gesto. Considera-se que essa solução introduz “modelos” para a ação. Na narrativa, o comportamento de um personagem se revela difícil de compreender. Parece enigmático que alguém se interesse pela sensação desagradável de medo produzida por filmes de terror: contudo, os episódios oferecem acesso a essa incógnita.

A segunda opção lida de maneira menos explícita com a compreensibilidade do ato. Ao contrário de um padrão apto à esclarecê-lo, a narrativa expõe eventos em constante expansão, restringindo-se a descrever outros fatos em conexão com o gesto. Essas são “enumerações”. Não se discerne com precisão o que leva alguém a consumir pornografia, mas sabe-se que há uma tendência ao interesse por esse material em regiões nas quais os indivíduos cultivam de maneira mais intensa o sentimento religioso, sugerindo uma correlação que talvez se deva a um outro fator. Sabe-se que um gesto ocorre, mas não se concede o termo que lhe ofereceria ordem.

A abordagem teórica utilizada para a análise que se segue remete ao estruturalismo de Greimas e a uma discussão sobre a narrativa baseada em sua estrutura actancial. Este artigo identifica como principal mecanismo para a produção de sentido uma dinâmica pautada pelo

eixo semântico de desconhecido vs. conhecido, cuja estrutura se organiza mediante o instrumento sintático da disjunção entre sujeito e antissujeito (e, em alguns momentos, entre antissujeito e oponente). Apesar dos diversos arranjos elaborados nessas histórias, tal organização se mantém estável.

A amostragem recortou 5% (21) dos 417 episódios produzidos desde a estreia de *Minutos Psíquicos* em 24 de fevereiro de 2014 até a primeira semana de dezembro de 2021, data limite de observação. Garantiu-se a aleatoriedade selecionando um item em cada um dos 20 grupos de 20 episódios e do grupo final de 17 episódios formados (o 1º grupo engloba do 1º ao 20º episódio; o 2º, do 21º a 40º; etc.; o 21º, do 401º ao 417º).

2 Estrutura actancial: apropriações

Essencial para esta análise, o conceito de actantes visa a ultrapassar a discussão fundadora de Propp (2006), recorrendo, para tal, à crítica de Lévi-Strauss (1973) sobre os limites dessa abordagem, presa à explicação concedida pelo próprio objeto a ser compreendido. Para superar essa carência, tal conceito se desvincula, inicialmente, de qualquer dimensão moral, dissociando-se de valores como bem e mal. As sete *dramatis personæ* de Propp sugeririam um valor positivo ao herói ou negativo ao vilão; mas o actante define apenas os termos mínimos da narrativa (sujeito, objeto, destinador, destinatário, oponente, adjuvante).

Contudo, o conceito de actante importa não apenas por isso. Sua relevância está em organizar a narrativa mediante uma “estrutura sistemática” (Greimas, 1966, p. 155) de termos em inter-relação. Um oponente, por exemplo, existe graças à contraposição ao sujeito. Tal arranjo trata a narrativa como uma “projeção objetificante” capaz de se apresentar como um “simulador do mundo” (p. 155), produzindo enredos dotados de pretensão de realidade.

Com isso, obtêm-se não apenas uma descrição formal. Pois o actante implica o sentido constituído mediante sememas, termo que descreve combinações de semas, as unidades mínimas de significação (Greimas; Courtés, 1979). Esses sentidos se apresentam como um valor realizado, possível a partir de outros, virtuais. “Baile” abarca o sentido de temporalidade (o momento em que ocorre); espacialidade (o lugar onde se dá); gestualidade (nesse evento, dança-se); socialidade (os personagens se encontram); sexualidade (os sexos talvez se envolvam). A enunciação não realiza todos em simultâneo, e alguns permanecem virtuais (Greimas; Courtés; Rengstorf, 1976).

A estrutura actancial abarca duas disjunções: sintagmáticas e paradigmáticas. Esta análise se concentra na segunda. A disjunção sintagmática descreve, por um lado, a associação

entre sujeito e objeto (a relação individual de alguém com um item); e, por outro, a conexão entre destinador, objeto e destinatário (o processo coletivo em que o objeto, oferecido e recebido, circula). A disjunção paradigmática sustenta os actantes em um elo no qual cada um pressupõe seu contrário, inserido em um eixo semântico. A presença de um se contrapõe à do outro: o sujeito institui o antissujeito; como ocorre com objeto, destinador, destinatário (Greimas, 1983; Schleifer, 1987).

Neste artigo, a relação entre antissujeito e sujeito estabelece o microuniverso semântico em questão mediante um eixo semântico de desconhecido vs. conhecido. A partir da gramática narrativa, isso se realiza da seguinte forma: ao final de cada episódio, concede-se algum conhecimento sobre o antissujeito do qual, no início, ele (e também o expectador) se encontrava carente. Cada enredo pressupõe a compreensão como a passagem de um sema a outro.

Dois pares de estruturas descrevem essa situação. A primeira se define pelo “modelo”, em uma definição na qual importam os mecanismos que conduzem à ação. Se um personagem chora, o molde desvenda tal emoção, concedendo-lhe compreensão. A segunda se refere às “enumerações”. Em contraste com esses “modelos”, lida-se com gestos que se estendem, em séries de variações. Em vez de se indicar a lógica da ação de alguém que demonstra dificuldade em finalizar seus compromissos, expõe-se apenas conjuntos de rotinas que talvez permitam reduzir os efeitos do mal.

A segunda estrutura se refere a situações “patológicas” e “normais”. Essas narrativas se organizam mediante a presença ou a ausência de emoções que levam alguém a sofrer, conduzindo um indivíduo a situações desagradáveis. Quem reclama de maneira patológica produz dificuldades para si, graças à rejeição que seu comportamento gera nos demais. Alguém que demonstra comportamento desonesto apresenta uma condição normal, pois ele próprio não sofre nenhuma dificuldade ou prejuízo. Normal vs. patológico lida não com entidades externas que atacam um corpo. Afinal, ele versa não sobre organismos, mas sobre atos. Um comportamento existe por sua distinção frente a outro. Aqui, patologias são atos pouco proveitosos que prejudicam um indivíduo. Em contraponto, atos normais remetem a gestos não problemáticos.

Ambas as categorias se cruzam, permitindo combinações: há modelos normais e modelos patológicos; enumerações normais e enumerações patológicas. A tabela 1 classifica os episódios analisados segundo essa organização.

Tabela 1 – Classificação de episódios

Nome	Modelos/Enumerações	Normal/Patológico
6 MITOS SOBRE BISSEXUALIDADE	Enumerações	Patológico
IDADE MENTAL E MATURIDADE	Modelos	Normal
A PSICOLOGIA DO STALKING (PERSEGUIÇÃO)	Modelos	Patológico
O CAFÉ TE DEIXA ANSIOSO?	Enumerações	Normal
VOCÊ VIVE RECLAMANDO DAS COISAS?	Modelos	Patológico
A PSICOLOGIA DOS FILMES DE TERROR	Modelos	Normal
4 DICAS SOBRE PRODUTIVIDADE EM CASA	Enumerações	Patológico
4 DIFERENÇAS ENTRE ANSIEDADE NORMAL E EXCESSIVA	Enumerações	Patológico
MAGREZA É SINAL DE SAÚDE?	Enumerações	Patológico
COMO SE ATRASAR MENOS?	Modelos	Patológico
A PSICOLOGIA DA DESONESTIDADE	Modelos	Normal
A CIÊNCIA DA PORNOGRAFIA	Enumerações	Normal
COMO A LEITURA FRIA EXPLICA O PODER PARANORMAL DE MUITOS	Modelos	Patológico
HOMOSSEXUALIDADE E A “CURA GAY”	Enumerações	Patológico
A PSICOLOGIA DOS HORMÔNIOS	Enumerações	Normal
PSICÓLOGO, PSIQUIATRA E PSICANALISTA: QUAL É A DIFERENÇA?	Modelos	Normal
O QUE É O TRANSTORNO DE PÂNICO?	Enumerações	Patológico
O QUE É PERSONALIDADE?	Modelos	Normal
“PORQUE SIM” NÃO É RESPOSTA!	Modelos	Normal
FOBIA SOCIAL OU ANSIEDADE SOCIAL: À DERIVA EM UM MAR DE GENTE	Modelos	Patológico
POR QUE VOCÊ LEVA MAIS TEMPO PARA TERMINAR TAREFAS DO QUE ESPERAVA?	Modelos	Patológico

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3 “Modelos”

“Modelos” implicam dois actantes: os sujeitos S1 e S2 sincretizados em um ator. Como imagens em um espelho, um se associa ao outro. Identifica-se S1 como o antissujeito. O

segundo, como o sujeito S2, que fornece tal “modelo”. A narrativa começa com o comportamento de S1, enigma que S2 sistematiza. O antissujeito será o personagem cujos atos não se compreende, do qual S2 expõe o molde. Com suas marcas estáveis, S2, em contraste com S1, fornece uma imagem de dimensão ideal e qualidades irrevogáveis. O “modelo”, em S2, expõe o que S1 “é”, desvendando-o. Para além da explicação de um evento pontual, o “modelo” se apresenta como um mecanismo abrangente, capaz de repetir-se com estabilidade.

4 Normal

Três episódios, relativos a situações normais, justificam as explicações presentes nas demais narrativas. Eles expõem os princípios que levam às conclusões exploradas nas histórias; ilustram a elaboração do “modelo”; apresentam a estratégia para transformar a metodologia científica em enredos. Um experimento capaz de mensurar a ansiedade leva à discussão sobre o método adequado para se observar corretamente a relação entre certo acontecimento e a reação do indivíduo: se ele funciona, é porque aquilo que traduz a sensação possui o elo correto com tal estado (“PORQUE SIM’ NÃO...”, 2015). O embricamento adequado entre suor, tensão, energia permite mensurar as sensações do antissujeito: observa-se as emoções de alguém medindo a quantidade de energia conduzida por sua pele. A compreensibilidade alcançada decorre do “modelo” agora disponível. A solução se revelaria inadequada caso a pele não funcionasse como condutor elétrico graças à sudorese. Isso invalidaria qualquer conclusão e destruiria o “modelo” (o sujeito contraposto ao antissujeito).

O tema retorna em um episódio que evita a mensuração de sintomas (“PSICÓLOGO, PSIQUIATRA E PSICANALISTA”, 2017). Descrever as especialidades que dão nome ao episódio é explicar a particularidade da psicologia. Tais psicólogos visam a compreender qualquer comportamento, identificando os fatores que guiam os indivíduos. Comportamento é aquilo que se observa em busca dos fatores responsáveis por entendê-lo. Isso expõe o projeto para a organização do “modelo” e do sujeito, que, nesse caso, prescinde de qualquer ato específico. A viabilidade da psicologia reside em sua capacidade de construir moldes.

O terceiro episódio tematiza a relação entre psicologia e senso comum, expondo uma ideia dispersa nas demais histórias. Discute-se “idade mental” de duas maneiras (“IDADE MENTAL E MATURIDADE”, 2021). A primeira recorre a um conceito instituído a fim de permitir certas pesquisas. Outrora relevante, apresenta hoje limites diversos. Ele avaliaria o nível de inteligência, especificamente em crianças, mensurando raciocínio espacial ou aquisição de vocabulário. Seu abandono se deveu à propensão de usá-lo para segregar indivíduos com

supostamente menor intelecto. Guiada pela avaliação sobre sua ineficácia em prover resultados, tal renúncia não impediu a segunda situação. É o entendimento de senso comum construído mediante esse termo, produzindo confusão e impossibilitando a descrição do “modelo”. Seu uso em questionários on-line leva a avaliações imprecisas sobre maturidade emocional, carente de conexões com o comportamento graças ao caráter pouco criterioso desses testes.

Outro conjunto de três episódios elabora o sema do “normal” em sua dimensão mais objetiva. Uma pequena quantidade de categorias classifica o comportamento de maneira ampla (“O QUE É PERSONALIDADE?”, 2016). Define-se o sujeito ao se discernir cinco tipos de personalidade: “extroversão”; “agradabilidade”; “conscienciosidade”; “neuroricismo”; “abertura a experiências”. Respectivamente, esses termos envolvem: a satisfação obtida com o contato social; a propensão para oferecer ajuda a outra pessoa; a disciplina para cumprir objetivos; a instabilidade emocional; a curiosidade em relação ao novo. Esses traços oferecem um “modelo”, em vez de descrever qualquer comportamento particular.

Uma discussão sobre filmes de terror desdobra o tema da personalidade (“A PSICOLOGIA DOS FILMES DE TERROR”, 2020). Tal gênero opera como um mecanismo para despertar emoções específicas, e o interesse dos indivíduos decorre de sua abertura a certas sensações. O “modelo” organiza o interesse insólito do antissujeito por experiências desagradáveis. Uma personalidade se foca na transferência de excitação proporcionada. Outra, lida com ameaças a fim de obter uma sensação de alívio ao se retirar o estímulo. Algumas buscam somente a excitação, a despeito de qualquer resolução. Personalidades que se guiam pela desinibição e pela maior abertura a experiências desconhecidas procuram sensações diversas, mesmo que perigosas.

Desonestidade consiste em um ato cujo “modelo” reside em angariar benefícios mediante a intervenção de um ator sobre outro, enganando-o (“A PSICOLOGIA DA DESONESTIDADE”, 2018). Explica-se a aceitação da desonestidade pelo antissujeito que a executa devido ao molde que indica a ausência de qualquer divisão estática ou distinção precisa entre o momento no passado quando alguém agiu de maneira honesta com o instante em que se executou seu oposto. O sujeito expõe a desonestidade: o comportamento ímprobo se institui por desdobramentos incrementais, e alguém se revela, em um instante, um pouco menos honesto que no passado. Cada impropriedade permite a próxima, e o ponto seguinte existe graças ao anterior. O episódio define o antissujeito de maneira exemplar, graças à sua impossibilidade de compreender por que ele aceita sem dificuldades o prejuízo alheio, que não pode ser considerado um acidente.

5 Patológico

Cinco episódios se referem a enredos nos quais o sofrimento do antissujeito (sua patologia) será descrito pela contraposição a um sujeito. A falácia do planejamento permite os atrasos sistematicamente repetidos na finalização de tarefas, consequência de uma autoavaliação do antissujeito pautada por um “viés cognitivo” (“POR QUE VOCÊ LEVA...”, 2014). O “modelo” expõe o ônus de tal planejamento enviesado, que ocorre graças a um cálculo equivocado sobre o tempo, consequência de uma orientação por parte do antissujeito pautada apenas pela experiência particular, e não pela mensuração do esforço empreendido por outros indivíduos que já realizaram atividades semelhantes. Ao insistir em uma percepção que ignora evidências, as previsões prevalecem sobre as avaliações. O sujeito ilustra a opção correta, avaliando o tempo utilizado por outros personagens na condução da tarefa.

A fobia social impede a ação do antissujeito, que julga um evento pelo parâmetro falso de uma recordação (“FOBIA SOCIAL OU ANSIEDADE...”, 2014). O “modelo” será a importância descabida que a lembrança sobre tal experiência possui para o antissujeito, o qual antecipa no presente o evento passado, obrigando à sua repetição e à produção de sofrimento. O sujeito entende que as recordações seletivas retêm apenas a falha. Construída por avaliações irreais, a recordação do antissujeito repete a conduta pregressa, mas o sujeito indica que a memória equivocada desencadeia uma cena repetida.

Reclamações são uma técnica para extorquir empatia de outrem, e sua repetição se revela como um ato prejudicial (“VOCÊ VIVE RECLAMANDO...”, 2020). Na tentativa de assegurar um resultado, o antissujeito instrumentaliza o comportamento dos demais mediante certa estratégia que ele próprio compreende mal. Por um lado, quem reclama em demasia lida com experiências expressando-as fisicamente, a partir do choro ou da demonstração física de raiva. Tais ações conduzem a níveis elevados de stress, revelando-se contraproducentes. Uma melhor solução, apresentada pelo “modelo” exposto a partir do sujeito, seria obtida elaborando a ansiedade. Por outro, a reclamação se revela prejudicial para o próprio antissujeito, o que, novamente, apenas o actante em relação paradigmática percebe. Pois a resposta dos outros ao volume de reclamações gera, como dano, mais isolamento, conduzindo a novas insatisfações para o personagem.

“Leitura fria”, processo que faz o antissujeito falar sobre si graças ao incentivo de alguém, permite que se ofereça voluntariamente informações pessoais, consequência do estímulo de outrem que se utiliza da incompreensão do actante sobre ele mesmo: a tendência a

se identificar como um indivíduo único (“COMO A LEITURA FRIA...”, 2018). A técnica funciona mediante perguntas vagas e ambíguas, nas quais o charlatão recorre a afirmações de duplo sentido, obtendo pontos de contato que permitam a identificação do antissujeito com uma assertiva genérica. O antissujeito se torna vítima da sensação de que o outro o entende. Tal antissujeito desconhece que ninguém possui características únicas, irreduzíveis a descrições amplas que permitem identificar padrões de comportamento mediante poucas categorias de classificação. A “leitura fria” não existiria sem o autoengano de alguém sobre si, enxergando individualidade quando, na verdade, tem-se generalidade.

O *stalking* consiste na perseguição a outra pessoa (“A PSICOLOGIA DO STALKING...”, 2021). Seu “modelo” se guia pelo objetivo de estabelecer um tipo de relacionamento íntimo que existe somente para o antissujeito, consequência da ausência de uma compreensão adequada sobre os fatos em curso. Em vez de perceber a ausência desse vínculo, o antissujeito prefere acreditar em sua versão particular sobre a realidade, desconsiderando as evidências externas em prol de sua própria interpretação. A motivação para o *stalking* envolve o fato do indivíduo se sentir menosprezado, o que o leva a encenar tal vínculo inexistente, “modelo” que o sujeito permite apresentar.

Se, naqueles episódios pregressos, o “modelo” remete a um quadro bastante preciso, em outros, encontra-se disperso, referindo-se a fatores plurais e não a formulações pontuais (“COMO SE ATRASAR MENOS?”, 2019). As dificuldades do antissujeito serão exploradas não por um, mas por diversos quadros, graças à dispersão de sujeitos. Cada alternativa se encadeia a um “modelo”. Certos indivíduos se sentem compelidos a realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, e seu atraso se deve à falta de critério para avaliar essa pretensão. Outros se atrasam devido ao receio sobre avaliações negativas, evitando o evento mediante tal demora. Alguns acham instigante a adrenalina obtida quando algo ocorre apenas no último segundo. Certos atrasos visam à revanche contra os envolvidos nos compromissos nos quais se deixa de estar presente.

6 “Enumerações”

A análise define as “enumerações” pela carência de redução ao sujeito, como ocorreu no “modelo”. Agora, o contraponto entre o antissujeito S1 e o sujeito S2 não funciona. O antissujeito mantém seu comportamento obscuro, difícil de apreender; todavia, a ausência do sujeito S2 leva a atos em expansão, produzindo gestos que se multiplicam. Sem a estabilidade

oferecida pelo “modelo”, tal carência conduz a conexões que contam com um vislumbre de correlações, sugerindo um actante enquanto se exime de apresentá-lo.

7 Normal

Três episódios descrevem “enumerações” relativas a comportamentos normais. O primeiro contém um enredo incomum, que versa sobre comportamentos induzidos por substâncias químicas. Isso define a importância de tais “enumerações”. Pois a presença de um laço de causa-consequência deveria supostamente permitir uma conexão bastante precisa entre um evento e seu “modelo”. Contudo, a lógica da estrutura narrativa evita tal certeza. O motivo está na irrelevância da causalidade para tais histórias. A princípio, todo elemento químico desencadearia uma reação no corpo. Contudo, o elo causal não cabe. Frente a isso, resta a sequência de comportamentos com gestos imprecisos.

Os efeitos do café decorrem de uma substância: a cafeína (“O CAFÉ TE DEIXA ANSIOSO?”, 2021). Ao interferir no cérebro, afeta neuroreceptores, aumenta adrenalina e dopamina, e produz sensação de prazer. Consequência extrema será o risco de envolvimento em acidentes, desencadeado pela agressividade despertada, por exemplo, pela mescla de cafeína e álcool. O elo, bastante claro, carece, porém, da descrição sobre as motivações que convidariam alguém a vivenciar experiências agressivas. O tema está não no “modelo” para a personalidade do antissujeito. Afinal, permanece inexplorada a exposição sobre, digamos, o interesse de alguém por tal emoção. Diante dessa falta, sabe-se apenas dos efeitos do consumo da substância. Na lógica da narrativa, apenas a presença de um sujeito, que, aqui, não existe, indicaria o ser da agressividade.

Contudo, o recurso a qualquer substância consiste em uma opção rara. A solução adotada por tais enredos dependem mais da seguinte estratégia. As “enumerações” contam não com a dissociação do sujeito presente no “modelo”, mas com conexões entre ações. Com isso, infere-se, no horizonte, um sujeito que nunca se alcança. As ações talvez pudessem ser sistematizadas pela exposição de tal molde. Diante da impossibilidade de apreendê-lo, restam suposições sobre o que levou o antissujeito a se constituir como tal. A alternativa que se examina nos episódios seguintes será a sugestão de um “terceiro” elemento, supondo a existência de algum “termo oculto” na narrativa, em vez do elo preciso entre actantes. Diante dessa ligação, o expectador talvez se deparasse com o “modelo” enfim descoberto. Disso, o episódio se exime, oferecendo apenas a expectativa por um outro termo cuja existência se supõe.

Os próximos dois casos ilustram essa situação. Há episódios que retornam enredos sobre substâncias de modo lateral, cedendo ao “termo oculto”. A endocrinologia comportamental investiga os hormônios em busca dos fatores biológicos que indicam como essa substância influencia os atos do antissujeito, ignorante de si (“A PSICOLOGIA DOS HORMÔNIOS”, 2017). O sujeito desapareceu; e o “terceiro elemento”, imperceptível, escapa à narrativa. Restam conjecturas sobre o comportamento. Hormônios são substâncias capazes de influenciar e de ser influenciadas. Talvez o antissujeito aja devido à maior quantidade de hormônios em seu corpo. Contudo, a mesma ação permitiria o aumento da produção da própria substância. Diante da impossibilidade de compreender qual das duas opções formularia o “modelo”, resta a conjectura sobre o “terceiro elemento” como alternativa às opções disponíveis, sem que, todavia, esse termo venha a ser exposto.

O “termo oculto” revela suas características quando se descarta em definitivo as substâncias. O interesse do antissujeito pela pornografia visa à busca por satisfação a partir da representação do sexo: tal exibição existe a fim de despertar interesse no ato exibido, em uma conexão difícil de explicar (“A CIÊNCIA DA PORNOGRAFIA”, 2018). Diante disso, descreve-se as reações à pornografia. Impressiona o comportamento, carente de “modelo”, de quem critica tal material pornográfico. São grupos que apresentam fortes crenças religiosas, em meio a correlações que indicam maior consumo desse material em regiões onde a religião possui importância. Porém, o elo entre religião e pornografia consiste em uma especulação, que talvez se deva ao “terceiro elemento”, indiscernível.

8 Patológico

Nos três dos seis episódios baseados em “enumerações” que versam sobre patologias, observa-se uma especificidade. Porém, antes de explicitá-la, deve-se retomar à descrição convencional do sofrimento. O desencadeamento do ataque de pânico carece de molde: desconhece-se a personalidade propensa ao pânico, e sabe-se apenas das sensações presentes (“O QUE É O TRANSTORNO...”, 2016). O antissujeito que sofre de um mal (difícil de compreender) supõe que está a enlouquecer ou que experimenta a própria morte. Há uma tendência de o sintoma surgir em instantes de passagem, como casamentos ou formaturas. Mas, sem o “modelo”, percebe-se apenas que memórias se associam à expectativa de catástrofes repetidas no futuro. Embora o tema já tenha sido abordado no episódio sobre “fobia social”, lá a memória concedia o molde do sofrimento. Aqui, é somente um comportamento presente, sem

se revelar decisivo, cedendo lugar a descrições de situações: o pânico ocorre graças à memória ou aos eventos de transição? Em nenhum instante se discerne o molde.

Improdutividade é a incapacidade do antissujeito alcançar seus resultados, sem se explicar o “modelo” que levaria a tal condição (“4 DICAS SOBRE PRODUTIVIDADE...”, 2020). As “enumerações” guardam sugestões circunstanciais. O antissujeito se limita ao exercício desses gestos, como quem aprende uma terapêutica. Sugere-se a importância de expectativas realistas sobre o trabalho: apenas o próprio indivíduo conhece suas limitações, e comparar-se com pessoas dotadas de maior capacidade de concentração gera distorções improdutivas. Deve-se testar diferentes rotinas, avaliando a mais eficaz. É importante evitar o círculo vicioso da autoavaliação, responsável por impedir a conclusão ou mesmo o envolvimento em um projeto.

A ansiedade, impossível de evitar, está presente para todo indivíduo: mas um nível patológico abarca atos que o antissujeito não compreende (“4 DIFERENÇAS ENTRE ANSIEDADE...”, 2019). A distinção está nos prejuízos, citados como a “enumeração” de gestos. A carência de “modelo” remete a descrições de comportamentos. Alguém perde um compromisso devido à ansiedade despertada pelo evento antes dele ocorrer. Outro tem suas relações pessoais prejudicadas devido a tal situação.

Nesses três primeiros episódios, o antissujeito se encontra isolado. Nos três seguintes, observa-se a presença de um “outro”, que se refere a um actante distinto. Nesse caso, as “enumerações” implicam a relação do antissujeito com um oponente. A situação anormal abarca não mais a contraposição de actantes sincretizados em um ator, e o “outro” será um novo personagem. A situação difícil que define o patológico se mantém, mas, agora, ocorre graças a esse “outro”. O oponente produz efeitos sobre o antissujeito, em uma relação de confronto.

As dificuldades geradas pela obesidade decorrem do oponente que institui o sofrimento do antissujeito (“MAGREZA É SINAL DE...”, 2019). Julga-se a obesidade como problema ao se encarar a magreza como positiva, perspectiva compartilhada pelo antissujeito. Em sua incompreensão, ele ignora que a magreza surja talvez graças a doenças como anemia, osteoporose, hipertireoidismo, entre outras. O oponente produz o sofrimento por avaliar o antissujeito, que, sem compreender a situação, sente as consequências. Os preconceitos nutridos pelo antissujeito o leva a um comportamento pouco produtivo; o que, por sua vez, repercute no julgamento pelo oponente, o que leva à estigmatização, produzindo stress e ansiedade, e dificultando ainda mais a perda de peso.

Orientação sexual consiste no padrão duradouro de interesse mantido pelo actante, repetindo-se após ter se estabelecido em um momento indiscernível, sem que o antissujeito possa descrever o mecanismo que o desencadeou (“HOMOSSEXUALIDADE E A ‘CURA GAY’”, 2017). A escolha sexual manifesta motivações do actante, e, por isso, posturas como a “cura gay” se revelam inaceitáveis. Contudo, a avaliação negativa atribuída pelo “outro” remete à tendência de diversas sociedades em punir essa maneira de agir; e o julgamento nada mais é que um estigma estabelecido graças à presença desse “outro”, em um sentido atribuído à homossexualidade que depende do oponente.

Discussão semelhante ocorre no episódio sobre bissexualidade (“6 MITOS SOBRE BISSEXUALIDADE”, 2021). Expressão de processos desconhecidos, que o antissujeito não escolhe, tal bissexualidade tem diversas características atribuídas a si. O preconceito surge das avaliações estereotipadas do “outro”, que serve como oponente. Todas produzem ansiedade para o antissujeito. São elas: bissexualidade seria um período de experimentação a ser superado; consistiria em uma característica presente em todos os indivíduos; revelar-se-ia uma prática mais presente em mulheres. Ou ainda: bissexuais seriam indivíduos indecisos; apresentariam comportamento mais promíscuo e propensão a manter uma quantidade maior de parceiros; apresentariam atração idêntica por homens ou mulheres.

9 Considerações finais

Compreender um produto que toma a ciência como tema mediante conceitos que atentam para a gramática narrativa permite indicar de que modo essas ideias da psicologia se encontram a serviço dos enredos, e não o contrário. Uma observação presa à empiria consideraria o *Minutos Psíquicos* como uma exposição sobre categorias de uma disciplina, transmitindo informações não problemáticas sobre suas tipologias. Essa seria uma postura atada aos pressupostos do objeto, sem interpretá-lo. Se os episódios apresentassem o conteúdo da psicologia, eles descreveriam objetivamente aquilo que faria alguém agir dessa ou daquela maneira, sem a necessidade do drama. A análise não aceita essa exposição. Os enredos dispõem de uma estrutura a partir da qual se constrói personagens, outorgando a eles atos, motivos e reações, como se faria com qualquer criatura. Uma “explicação” de um comportamento, que apresentaria por que alguém agiria dessa ou daquela maneira, consiste em uma maneira de interpretar aquilo que os episódios oferecem que tão somente ignora os processos de sentido em jogo.

Referências

“PORQUE SIM” NÃO É RESPOSTA! Minutos Psíquicos., 19 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uEYsz-wpuqU>>. Acesso em: 18/03/2022.

4 DICAS SOBRE PRODUTIVIDADE EM CASA. Minutos Psíquicos., 2 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1OalHnadn4>>. Acesso em: 18/03/2022.

4 DIFERENÇAS ENTRE ANSIEDADE NORMAL E EXCESSIVA. Minutos Psíquicos., 20 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SdmTx6BBHy4>>. Acesso em: 18/03/2022.

6 MITOS SOBRE BISEXUALIDADE. Minutos Psíquicos., 30 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVSTxSnKUzU>>. Acesso em: 18/03/2022.

A CIÊNCIA DA PORNOGRAFIA. Minutos Psíquicos., 31 maio 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=knioYq3Z9vE>>. Acesso em: 18/03/2022.

A PSICOLOGIA DA DESONESTIDADE. Minutos Psíquicos., 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yWDYN09t_BU>. Acesso em: 18/03/2022.

A PSICOLOGIA DO STALKING (PERSEGUIÇÃO). Minutos Psíquicos., 7 maio 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hHI1oFZNSug>>. Acesso em: 18/03/2022.

A PSICOLOGIA DOS FILMES DE TERROR. Minutos Psíquicos., 6 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJ5tVn_jP0A>. Acesso em: 18/03/2022.

A PSICOLOGIA DOS HORMÔNIOS. Minutos Psíquicos., 30 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1mxFd91ssY0>>. Acesso em: 18/03/2022.

BARTHES, R. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. *In*: BARTHES, R. (org.). **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1966.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COMO A LEITURA FRIA EXPLICA O PODER PARANORMAL DE MUITOS. Minutos Psíquicos., 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jD85PMUxNLC>>. Acesso em: 18/03/2022.

COMO SE ATRASAR MENOS? Minutos Psíquicos., 28 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TBynMx5ntkE>>. Acesso em: 18/03/2022.

CUNNINGHAM, S.; CRAIG, D. Creator Governance in Social Media Entertainment. **Social Media + Society**, New York, v. 5, n. 4, p. 1–11, 2019.

CUNNINGHAM, S.; CRAIG, D.; SILVER, J. YouTube, multichannel networks and the accelerated evolution of the new screen ecology. **Convergence**, New York, v. 22, n. 4, p. 376–391, 2016.

FOBIA SOCIAL OU ANSIEDADE SOCIAL: À DERIVA EM UM MAR DE GENTE. Minutos Psíquicos., 23 out. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Uf5Bx-Zwlik>>. Acesso em: 18/03/2022.

GREGORY, J.; MILLER, S. **Science in Public**. Cambridge, Mass: Perseus Publishing, 2000.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1966.

GREIMAS, A. J. **Sobre o Sentido II**. São Paulo: Nankin: Edusp, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J.; RENGSTORF, M. The Cognitive Dimension of Narrative Discourse. **New Literary History**, New York, v. 7, n. 3, p. 433–447, 1976.

HOMOSSEXUALIDADE E A “CURA GAY”. Minutos Psíquicos., 28 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-_UJ5pgqaQ>. Acesso em: 18/03/2022.

IDADE MENTAL E MATURIDADE. Minutos Psíquicos., 30 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DGQYIP19ArI>>. Acesso em: 18/03/2022.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MAGREZA É SINAL DE SAÚDE? Minutos Psíquicos., 1 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iX1KZUE0_7o>. Acesso em: 18/03/2022.

O CAFÉ TE DEIXA ANSIOSO? Minutos Psíquicos., 19 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8-gJp0j6Gio>>. Acesso em: 18/03/2022.

O QUE É O TRANSTORNO DE PÂNICO? Minutos Psíquicos., 4 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q1j3zobrNYE>>. Acesso em: 18/03/2022.

O QUE É PERSONALIDADE? Minutos Psíquicos., 6 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVSTxSnKUzU>>. Acesso em: 18/03/2022.

POR QUE VOCÊ LEVA MAIS TEMPO PARA TERMINAR TAREFAS DO QUE ESPERAVA? Minutos Psíquicos., 20 maio 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rwGtb_8634A>. Acesso em: 18/03/2022.

PROPP, V. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

PSICÓLOGO, PSIQUIATRA E PSICANALISTA: QUAL É A DIFERENÇA? Minutos Psíquicos., 2 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jI4g0ADNFzk>>. Acesso em: 18/03/2022.

SCHLEIFER, R. A.J. **Greimas and the nature of meaning**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987.

VELHO, R. M. G. DE A. O papel dos vídeos de ciência na divulgação científica: o caso do projeto ScienceVlogs Brasil. 2019, 174 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

VOCÊ VIVE RECLAMANDO DAS COISAS? Minutos Psíquicos., 19 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tjscwq7i7s>>. Acesso em: 18/03/2022.

Recebido em: 04/12/2024

Aceito em: 15/04/2025